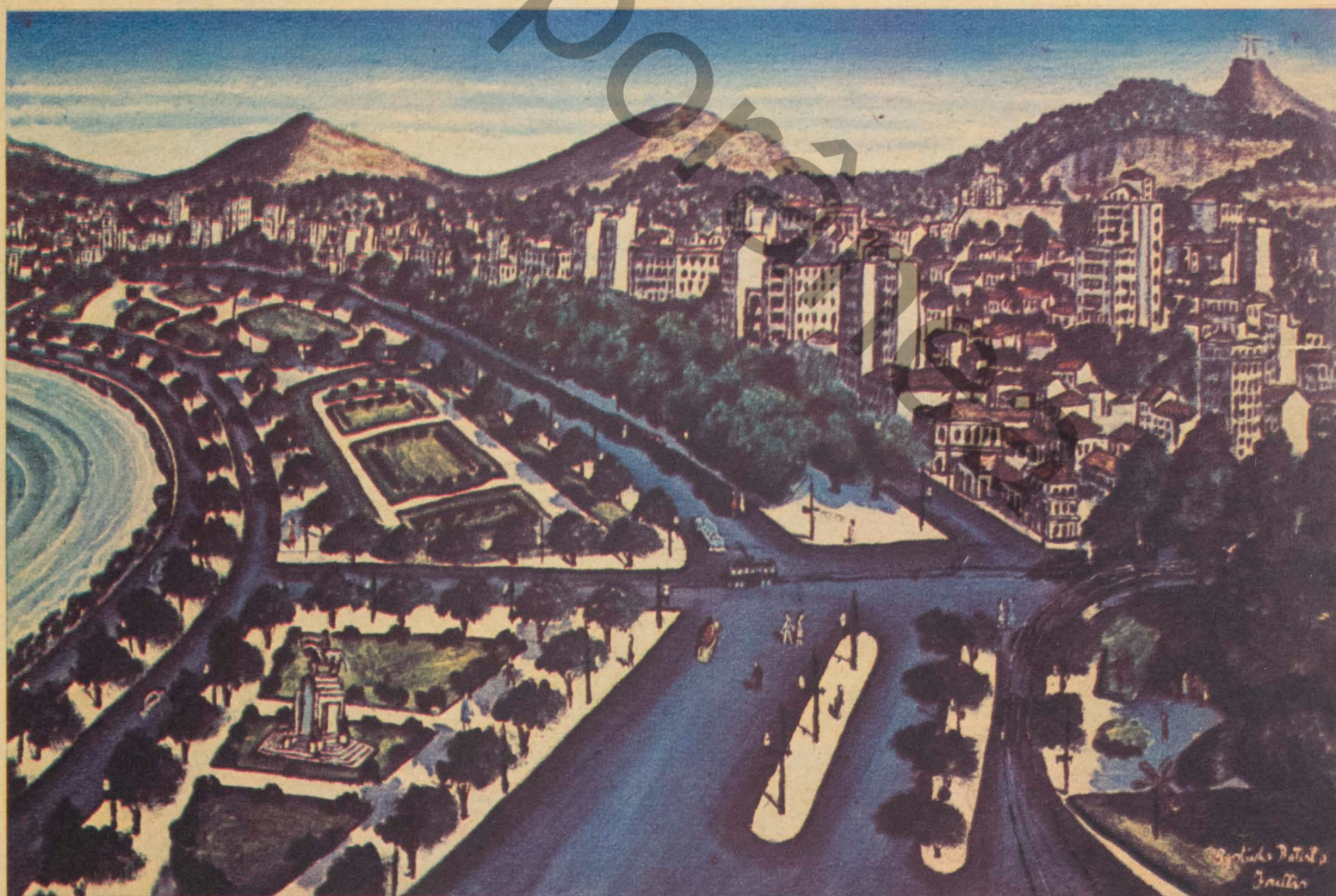




D ESDE o século XVII, os primitivos e ingênuos pintam o Rio. A êsse rico e esplêndido acervo popular pertencem a Romaria à Igreja da Penha, de Manêzinho Araújo à esquerda e um poético parque de autoria de Elisa (em cima).



S AMBISTA das cabrochas e funcionário aposentado do Ministério da Educação, Heitor dos Prazeres é uma das glórias da pintura ingênua carioca, como o comprova esta Serenata.



A GOSTINHO BATISTA FREITAS, outro naif da pintura carioca, apresenta em sua Praça Paris a fusão de sonho e realidade que é um dos encantos desses pintores sem escola.

O

TEXTO DE JORACY CAMARGO • REPRODUÇÕES FOTOGRÁFICAS DE ÍTALO SANI

VAIVÉM NO RIO ANTIGO



No Rio dos vice-reis já existiam estes meios de transportes: os côches para os homens ricos ou altos funcionários e as cadeirinhas para as damas de alta posição.

Quando o carioca reclama sobre o atual sistema de transportes urbanos, certamente desconhece as agruras que seus avós enfrentaram. No Rio antigo, locomover-se comodamente era privilégio dos ricos. A massa só restava o recurso do calcante. Alguns desgraçados carregavam os preguiçosos afortunados, inimigos de fazer esforços. No século da descoberta só havia veredas que se percorriam a pé ou a cavalo. Mas, a partir de 1639, apareceram as **cadeirinhas**, empregadas no transporte dos homens da governança. Eram também denominadas **serpentinhas**, por terem, nas extremidades, a configuração de serpentes. Mas não passavam de imitações desfiguradas dos palanquins chineses, contendo leito de rede. Escravos nelas conduziam os altos funcionários do Rio imperial que, muito à vontade, cumpriam seus trajetos reclinados em coxins.